



Aliança com limites

# Luta por influência na África expõe divisões na parceria entre Putin e Xi

— Enquanto Pequim se apresenta como uma alternativa para o desenvolvimento econômico, Moscou tenta se impor no vácuo de poder deixado pelas potências ocidentais

JÉSSICA PETROVNA

China e Rússia reforçaram os laços em oposição ao eixo ocidental liderado por Washington, que virou o adversário em comum em meio a uma nova Guerra Fria. Xi Jinping e Vladimir Putin foram aproximados pela circunstância, mas a extensão dessa aliança ainda é motivo de dúvidas quando confrontada com os objetivos e estratégias diferentes, como fica claro em solo africano.

A China se apresentou no continente como uma alternativa para o desenvolvimento econômico com o megaprojeto de infraestrutura Belt and Road, ou Cinturão e Rota. Um investimento massivo, que mudou a paisagem dos países africanos a exemplo do que aconteceu em Angola, onde a principal rodovia da capital, Luanda, é sinalizada por placas em português e mandarim.

A Rússia, por sua vez, avançou em uma campanha de influência no vácuo deixado pelas potências ocidentais. Com desinformação e mercenários do grupo Wagner, Moscou dá sustentação para as ditaduras no continente, palco de golpes em série nos últimos anos.

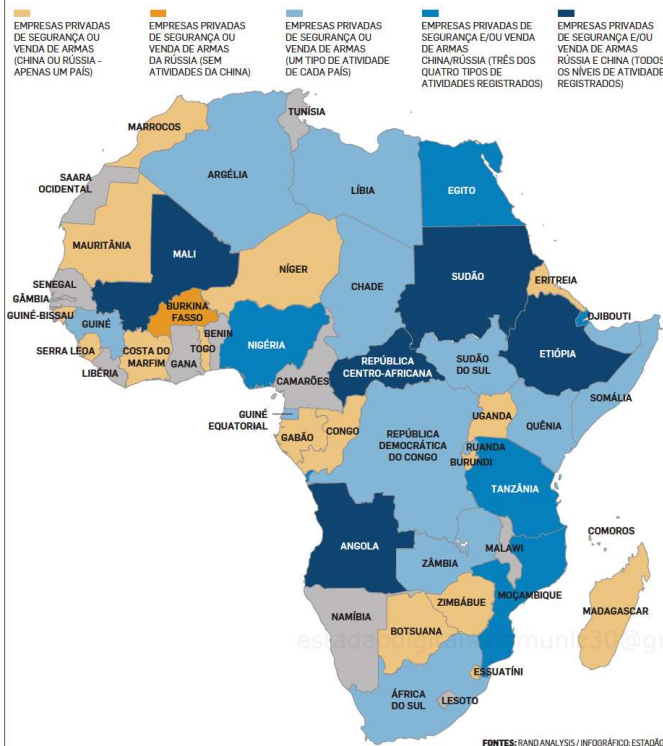
“A Rússia é o agente do caos na África”, diz o chefe do programa que estuda Eurásia no Foreign Policy Research Institute Robert Hamilton em entrevista ao *Estadão*. “Em nome do combate ao terrorismo, apoia golpes e contribui para instabilidade, especialmente na região do Sahel. Isso não agrada Pequim porque os interesses da China são principalmente econômicos.”

Mesmo quando o assunto é economia, as diferenças também aparecem. A Rússia, por um lado, tem um viés mais extrativista, está interessada em ouro e minerais, frequentemente usados como pagamento nos acordos que envolvem o grupo Wagner. A China, por outro, é mais desenvolvimentista, o que requer estabilidade, e pode perder a paciência com o caos russo.

Os números dão a dimensão dessa diferença de abordagem. Quando o assunto é economia, a China está consolidada como maior parceiro do continente: em 2022 (dados

## AÇÕES DE SEGURANÇA

Pequim e Moscou ampliam presença no continente para fazer frente ao Ocidente, mas têm objetivos e estratégias diferentes



mais recentes para comparação), as importações e exportações ultrapassaram US\$ 280 bilhões. A Rússia, por outro lado, celebrou trocas comerciais de cerca de US\$ 18 bilhões como um aumento da parceria.

No que diz respeito à presença militar, a situação se inverte, embora Pequim tenha aumentado significativamente a venda de armas para os países africanos. Moscou assumiu nos últimos anos a liderança em transferência de equipamentos militares no continente e tem os seus paramilitares – principalmente os mercenários – em operação em mais de 30 países. A China, por sua vez, tem empresas privadas de segurança em 15. E também há diferenças nesse aspecto. En-

quanto os russos estão em combates diretos, os chineses estão mais preocupados em reforçar a segurança em áreas de interesse econômico.

### Laços Guerra reforçou parceria entre China e Rússia, mas criou um problema político para Pequim

“O ponto em comum é o foco em diminuir a influência ocidental, mas a Rússia está mais interessada nisso e está mais disposta a causar o caos e romper padrões para alcançar esse objetivo enquanto a China pode trabalhar com governos democráticos, sem tentar des-

tabilizá-los”, diz Hamilton.

Durante pesquisa para um artigo, Hamilton ouviu de especialistas africanos que russos e chineses perguntam com frequência sobre as ações um do outro no continente.

“A relação entre Rússia e África no continente é mais de coexistência”, afirma Landry Signe, pesquisador sênior da Iniciativa de Crescimento Africano do Brookings Institution, em entrevista ao *Estadão*. “A colaboração não é impossível, mas quando a China tem um projeto, tenta controlar todo processo, do início ao fim”, diz.

‘SEM LIMITES’. As diferenças estratégicas contrastam com a alegada parceria “sem limites”, anunciada por Xi e Putin

em 4 de fevereiro de 2022, 20 dias antes de a Rússia invadir a Ucrânia. O conflito reforçou esse laço, mas criou um problema político para a China. O país que tem a soberania nacional como princípio basilar se viu obrigado a apoiar, ainda que apenas na retórica, o aliado que invadiu outro Estado.

Além de ecoar as justificativas de Putin para a guerra, Pequim ajudou Moscou a contornar as sanções impostas por EUA e aliados. “A guerra acelerou um processo na relação sino-russa que estava em andamento há uma década, que é a subordinação da Rússia à China nessa parceria. A Rússia é claramente o parceiro júnior”, afirma Hamilton.

E se a África revela as diferenças estratégicas, a Ásia Central, argumenta o pesquisador, expõe as trajetórias de poder.

No ano passado, enquanto os líderes do G-7 se reuniam em Hiroshima, no Japão, Xi recebeu os líderes das ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central em uma cúpula paralela – e inédita. Os representantes de Casaquistão, Usbequistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Quirguistão saíram do chamado C+C-5 com um pacote de US\$ 3,8 bilhões (R\$ 18 bilhões) em acordos comerciais e investimentos. Além da promessa de assistência em segurança e defesa, que tradicionalmente vinha da Rússia.

Em mais um sinal do avanço na região historicamente ligada a Moscou, Pequim elevou o status da relação diplomática com o Usbequistão há duas semanas. Na ocasião, Xi pediu que a construção da ferrovia China-Quirguistão-Usbequistão comece o mais rápido possível. A obra deve abrir uma rota comercial alternativa à Rússia driblando as sanções e aumentando a influência chinesa na Ásia Central.

“O poder da autoridade da Rússia estão colapsando de muitas maneiras na Ásia Central enquanto a China está em ascensão. Será mais uma questão que os dois terão de lidar: as trajetórias de poder diferentes. É difícil para duas potências, mesmo que sejam amigas, gerenciar seu relacionamento quando uma está em declínio e a outra está em ascensão”, avalia Hamilton. ●